

VISÃO DO CORREIO

Quem cuida de quem cuida?

É aquela velha história: quem cuida dos cuidadores? É consenso que os médicos estão precisando de cuidados. E há muito tempo. Quase metade dos profissionais, especialmente as médicas, apresenta quadros de adoecimento mental, em maior ou menor grau. Levantamento feito com mais de 2 mil médicos atuantes no mercado, de todas as regiões brasileiras, apontou doenças como depressão, ansiedade e burnout em uma parcela significativa dos entrevistados. De acordo com o estudo Qualidade de vida dos médicos, desenvolvido pelo Research Center e apresentado pela Afya, empresa de educação e soluções para a prática médica, 39,8% dos profissionais enfrentam algum tipo de doença mental, sendo que duas em cada três pessoas afetadas são do gênero feminino. Outros aspectos chamam a atenção. Na faixa etária entre 25 e 35 anos, 49,6% dos profissionais sofrem com o problema — ou seja, praticamente metade dos entrevistados. Desses, 3,6% já estiveram internados para tratar alguma condição psíquica e precisam ficar afastados do trabalho cerca de 5,1 semanas nos últimos 12 meses. No entanto, boa parte dos “médicos-pacientes” não busca acompanhamento profissional — talvez, pelo estigma associado a essas enfermidades. Entre as mais citadas, o transtorno de ansiedade lidera a pesquisa: 33,5% estão com esse diagnóstico e 21,1% apresentaram os sintomas nos últimos 12 meses. Desses, 27,1% estão em tratamento e 6,4%, embora constatado o transtorno, não o tratam. As mulheres são as mais impactadas: quatro em cada 10 médicas

(40%) sofrem com o transtorno de ansiedade, enquanto a taxa entre os homens é de 25,1%.

Em segundo lugar, está a depressão: 22,1% dos profissionais já receberam esse diagnóstico, sendo que 19,9% tratam e acompanham com especialistas e 2,2% não tratam. Outros 17,1% apresentam sintomas, mas não têm diagnóstico e não tratam a doença. De acordo com o estudo, 22,4% dos profissionais detectaram a condição nos últimos 12 meses.

O burnout aparece em 6,7% dos casos, e metade foi identificada nos últimos 12 meses. Não fazem acompanhamento 2% dos médicos diagnosticados com a condição. No entanto, em uma avaliação mais ampla, mais de 50% indicam já terem apresentado sintomas da doença, ainda que não tenham um diagnóstico fechado ou tenham se curado do distúrbio.

A carga horária elevada é apontada como o principal motivo destacado: médicos com esse perfil trabalham em média 57,2 horas por semana, cerca de sete horas a mais do que a média geral. A boa notícia é que os dados indicam uma leve melhora em relação ao último ensaio, realizado em 2022. No entanto, as questões mentais continuam presentes e, vale lembrar, acometem outros profissionais de saúde.

Cada vez mais, discussões sobre saúde mental têm ocupado espaço em ambientes corporativos, no meio acadêmico, esportivo, cultural e em qualquer nível. No caso de quem atua na saúde, é preciso se conscientizar de que também não é infalível. Campanhas de alerta e cuidados devem atingir — e sensibilizar — todos os públicos.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

A era dos extremos

Há uma frase do ex-chanceler alemão Helmut Schmidt (1918-2015) que costumo sempre levar em conta no dia a dia. “Políticos e jornalistas compartilham um triste destino: eles precisam falar hoje sobre coisas que só compreenderão plenamente amanhã”, disse, certa feita, sobre a dificuldade de analisar situações sem o devido distanciamento histórico. E a seca intensa que castiga o 2024 no Distrito Federal é mais um daqueles exemplos que só saberemos os reais efeitos nos próximos meses.

Os impactos na agricultura, *verbi gratia*, só poderão ser mensurados no ano que vem. Como ainda é impossível saber quando a estiagem vai terminar e como será o período chuvoso, produtores rurais traçam estratégias para mitigar a escassez de água. A redução da área plantada é uma das medidas mais utilizadas no momento. Na última crise hídrica vivenciada pelo DF, em 2017, o tamanho das plantações reduziu em 30%, segundo estudo da Emater à época.

Dados da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (Ana), atualizados diariamente, mostram que o volume do reservatório de Santa Maria está bem abaixo dos anos anteriores. Em 2020, em 19 de setembro, o índice era 94,5%; em 2021, 86,8%; em 2022, 80%; e ano passado, 61,4%. Ontem, o sistema que abastece 19% da

população da capital federal marcava exatos 44,2%. Um cenário que começa a se mostrar preocupante.

Vivenciamos dias extremos nesta semana, com a fumaça dos incêndios florestais e temperatura nas alturas. Na manhã de terça-feira, por exemplo, a sensação de sufocamento era sentida por milhares de pessoas na Asa Norte, Noroeste e começo do Lago Norte, graças à fuligem e ao ar carregado. Entre domingo e quarta, a sujeira no ar chegou a ficar 11 vezes e meia acima da recomendada pela Organização Mundial da Saúde, a OMS. Emergências de hospitais públicos e particulares ficaram lotadas com pacientes com problemas respiratórios.

Era dos extremos é uma expressão que se tornou célebre pelo historiador britânico Eric Hobsbawm, em um ensaio panorâmico sobre o mundo entre a Primeira Guerra Mundial e a queda da União Soviética. De orientação marxista, Hobsbawm sempre se preocupou com as desigualdades sociais em uma perspectiva cronológica. Agora, com a crise climática que vivemos, poderia detalhar o impacto da escassez de água, a perda de terras férteis e os eventos extremos, se vivo estivesse, em um olhar de historiador. O tal distanciamento que políticos e jornalistas não têm, como bem disse Helmut Schmidt lá nos anos 1990.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Queimadas

Diz o dito popular: “Quem tem boca vai a Roma”. Mas também quem tem boca fala muita besteira. Um certo governo falou que as queimadas da flona foi por desleixo do governo. Ocorre que o Corpo de Bombeiros do DF é uma organização de elite; atende a todos os incêndios em casas e edifícios do DF e os acidentes com ou sem vítimas ocorridos nas BR-020, 070, 040 e 060, sendo um trabalho diuturno. Mantém ainda uma academia que forma bombeiros até de alguns estados do Brasil. Na catástrofe que dizimou o Rio Grande do Sul; o governador Ibaneis mandou bombeiros do DF para ajudar no socorro dos gaúchos. Até no avião que caiu no Mato Grosso, os bombeiros do DF foram para auxiliar no socorro às possíveis vítimas. Entendo que houve uma acusação sem provas e sem fundamentos.

» **José Lineu de Freitas**
Asa Sul

Horário de Verão

Concordo plenamente com as ponderações do leitor Joanir Weirich contra o restabelecimento do famigerado horário de verão, que muito atrapalha a vida das pessoas, e não traz economia ao consumo de energia. O governo deveria fazer uma campanha nacional estimulando a economia de energia pelos usuários, resultando em medida muito mais efetiva.

» **Antônio Juarez M. Martins**
Asa Norte

Parque em chamas

Os diversos parques de Brasília, infelizmente, continuam sem os cuidados necessários. Constantemente ameaçados por invasores de terras públicas, voltam, agora, às manchetes pelas queimadas. O principal, que é o Parque Nacional, arde em chamas, impactando a flora e a fauna da região e trazendo uma dramática poluição tóxica que afeta o sistema

respiratório da população. Nessa tragédia, alguns vão dizer que Brasília está inserida num contexto mundial de alterações climáticas que estão se intensificando. Mesmo assim, não podemos aceitar esse amadorismo governamental, passivo ante as tragédias que se acumulam. O nosso pulmão principal, que é o Parque Nacional, não pode ficar desprotegido. Raras cidades no planeta têm esse privilégio de possuir um ambiente de convivência com a natureza. Um local previsto para a futura sustentabilidade ambiental da cidade. Por isso, é necessário e urgente que os gestores e os legisladores criem um órgão específico para a proteção desse paraíso, evitando tragédias anunciadas. Ações rápidas e preventivas nos períodos de estiagem, por meio de brigadistas oficiais e outros voluntários. Na esteira, educação ambiental para as crianças, mostrando que há um conflito em andamento entre humanos que promovem fagulhas criminosas ao meio ambiente, e fagulhas espontâneas, que surgem numa mata seca. Esse cenário de devastação pode ser modificado se houver boa vontade do poder público.

» **Claudio Luiz Viegas**
Lago Norte

Tiroteio

Sou carioca da gema e acostumado com essas questões de violência no Rio. Falta a alguns turistas alguns cuidados. Perguntar não custa nada, muito menos seguir a indicação das placas que apontam para o caminho mais seguro. Espero que a menina que foi baleada dentro do carro dirigido pelo pai se recupere bem. E, nunca esqueçam, vocês estão na Cidade Maravilhosa, mas estão no Rio de Janeiro, cidade onde nasci e vou morrer, mas, infelizmente, por questões políticas, a segurança é um dos maiores transtornos. Apesar de tudo, amo meu Rio.

» **Ari Correia**
Rio de Janeiro

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Tornados, tsunamis, terremotos, enchentes, queimadas e pandemia. Saudades de quando o fim do mundo era apenas ficção dos filmes-catástrofe.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Se o Brasil quiser voltar a brilhar na Fórmula 1, precisa revelar um piloto cujo nome termine em “on”. Com Nelson, Emerson ou Ayrton. Enquanto isso, vai dando Hamilton.

José R. Pinheiro Filho — Brasília

No Brasil, especialmente em São Paulo, se o candidato a cargo eletivo for uma pessoa do tipo caluniadora, fofoqueira nas redes sociais, sem caráter, tiver até envolvimento com facções perigosas, mais votos ela obterá nas urnas!

Washington Luiz S. Costa — Samambaia

Transfusão de sangue. Não quer ou sua religião não permite, por favor pague as suas despesas e não peça ajuda ao governo.

Roberto Batista — Brasília

Os governadores têm tanta preocupação com o bem-estar da população que pouco ou nada fizeram contra os incendiários de plantão. Será que “sacode” do ministro Flávio Dino, do STF, fará eles se mexerem?

Alberto Barbosa — Jardim Botânico

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00

Assine

(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br